

FICÇÕES E INSINUAÇÕES

RESPOSTA

À BROCHURA

MUITA LUZ

(BEAUCOUP DE LUMIÈRE)

Sociedade Científica do Espiritismo



FICÇÕES E INSINUAÇÕES

Resposta à brochura Muita Luz (Beaucoup de Lumière)

Sociedade Científica do Espiritismo

Lançamento original: 1884 - Paris, França

Fictions et Insinuations

Réponse à la brochure Beaucoup de Lumière

Tradução: Ery Lopes

Revisão: Carlos Seth e Irmãos W.

Versão digitalizada

Maio, 2021

Distribuição gratuita:

Autores Espíritos Clássicos

CSI do Espiritismo

Portal Luz Espírita



FICÇÕES E INSINUAÇÕES

RESPOSTA

À BROCHURA

MUITA LUZ

(Beaucoup de Lumière)

Sociedade Científica do Espiritismo

Paris, França

1884

FICTIONS ET INSINUATIONS

RÉPONSE

A LA BROCHURE

« BEAUCOUP DE LUMIÈRE »

SOCIÉTÉ SCIENTIFIQUE DU SPIRITISME

FONDÉE PAR M. ET M^{ME} ALLAN KARDEC, EN 1869

LISTE

DES FICTIONS ET INSINUATIONS

Contenues dans la brochure *Beaucoup de Lumière* dressée par le Comité de Surveillance
de la SOCIÉTÉ SCIENTIFIQUE DU SPIRITISME

PARIS

LIBRAIRIE DES ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

5, RUE DES PETITS-CHAMPS, 5

1884

FICÇÕES E INSINUAÇÕES
RESPOSTA

À BROCHURA

“MUITA LUZ”

« (BEAUCOUP DE LUMIÈRE) »

SOCIEDADE CIENTÍFICA DO ESPIRITISMO
FUNDADA PELO SR. E SRA. ALLAN KARDEC, EM 1869

LISTA

DAS FICÇÕES E INSINUAÇÕES

Contidas na brochura *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* elaborada pelo
Comitê de Fiscalização da SOCIEDADE CIENTÍFICA DO ESPIRITISMO

PARIS

LIVRARIA DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

Rua des Petits-Champs, 5

1884

Sumário

Apresentação desta Edição – pág. 7

Prefácio – pág. 11

FICÇÕES E INSINUAÇÕES – pág. 13

RESPOSTA A RESPEITO DAS TRADUÇÕES INGLESAS – pág. 51

Apresentação desta Edição

Desde meados da década de 2010 a Historiografia do Espiritismo vive um momento especial, em razão de redescoberta de um montante considerável de obras completas, registros oficiais, manuscritos originais e outros documentos de interesse dos estudiosos espíritas, com destaque especial para: os arquivos digitalizados e livremente disponibilizados pela BnF – Biblioteca Nacional da França, através de seu portal na internet Gallica¹; o acervo particular do Dr. Canuto Abreu²; a coleção do Museu Online do Espiritismo, disposto no site AKOL³; além de outros apanhados, de fontes diversas, tais como jornais, revistas e registros governamentais, colhidos por dedicados pesquisadores.

Todos esses recursos, de que agora todos os interessados podem facilmente se servir — dado o compartilhamento desses documentos, especialmente através do Projeto Allan Kardec⁴, ministrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais — juntamente com a divulgação maciça feita em torno dos desdobramentos analíticos acerca desse riquíssimo material

¹ Endereço eletrônico: <https://gallica.bnf.fr> — Nota do Editor (N. E.).

² Mais sobre a vida e obra do Dr. Canuto Abreu e seu importante acervo espírita em: <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Canuto%20Abreu> — N. E.

³ Site Allan Kardec Online: <https://www.allankardec.online> – N. E.

⁴ Projeto Allan Kardec, da UFJF: <https://projetokardec.ufjf.br> — N. E.

acabaram por despertar um maior interesse no meio espírita exatamente para o aspecto histórico da doutrina, mormente com uma preocupação especial voltada para uma releitura e — por que não? — reinterpretação de muitos aspectos relativos à origem e primeiros desenvolvimentos do Espiritismo, bem como da própria personalidade de Allan Kardec, dito o “codificador espírita”.

Em face desse cenário tão positivo — posto que um resgate histórico é, sem contradita, também um poderoso reforço para o estudo doutrinário — apresentamos aqui, graças ao esforço compartilhado de vários confrades, uma peça que se junta a outras para a montagem do quebra-cabeça cuja ilustração almejada é, de modo especial, a do entendimento sobre os rumos traçados para a Doutrina Espírita pelas mãos dos sucessores do Mestre Kardec. Temos então, na linha de frente do espólio kardequiano, a figura enigmática de Pierre-Gaëtan Leymarie; do lado oposto, um grupo de confrades que insurge contra a Sociedade Espírita original (comandada por Leymarie) formando uma entidade alternativa (União Espírita Francesa - UEF) de cujos baluartes avultamos Berthe Fropro, Gabriel Delanne e o casal Michel e Sophia Rosen.

Esta peça é dos elementos de uma triste trama que, de alguma forma, mancha a história dos espíritas; é, pois, como se pode deduzir de seu título, uma pequena obra diretamente produzida em resposta a uma brochura, *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)*⁵, assinada por Berthe Fropro, que então, dentre outras

⁵ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=158> e também em http://autoresespiritasclassicos.com/AutoresEspiritas_Classicos_Diversos/BertheFropro/BertheFropro0.htm — N. E.

questões menores, levanta algumas sérias denúncias contra Leymarie e, por extensão, toda a condução da sua Sociedade Científica do Espiritismo, que foi fundada como “Sociedade Anônima para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec”; acusações essas, no entanto, recebidas e tratadas pelo acusado como meras “ficções e insinuações”, tal como figurado no epíteto da presente brochura; Leymarie vai então cuidar de responder a essas acusações com uma “lista” de explicações cujo valor deixaremos, num primeiro momento, aos cuidados do leitor, adiantando apenas que, de acordo com uma rápida apreciação de nossa parte, vemos nos ataques da UEF certo exagero em alguns pontos, inconsistências em outros e bastante razão no tocante a importantes desvios doutrinários da Sociedade criada para conduzir o kardecismo; por outro lado, parece-nos flagrante a improbidade do nome diretamente acusado (Leymarie) e da gestão da sua Sociedade, que habilmente se valerá dos “exageros” da acusação para manter uma pose vitimista.

A título de curiosidade, esta *Resposta* é assinada, não especificamente por Leymarie, mas pelo Comitê de Fiscalização da Sociedade do Espiritismo, prefaciada por uma carta de seu devoto Charles Fauvety, fazendo toda uma apologia ao “chefão” do movimento espírita da época e o incitando a publicar tal obra. Isto deu um caráter institucional à *Resposta*, ao passo que a obra de acusação ficou a gravitar na ideia de um ataque pessoal — segundo, claro, as insinuações de Leymarie e sua claqué.

Faz-se imperativo, portanto, que ao lado — ou melhor, antes mesmo — de se considerar as explicações desta *Resposta*, ler atentamente *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* de Berthe Frope e,

comparando com as argumentações da defesa, apurar o quanto possível apurar as consistências das controvérsias. Estamos empenhados nessa apuração e aproveitamos para convidar o leitor a acompanhar os resultados de nossas pesquisas através da fanpage do CSI do Espiritismo⁶ e dos canais de divulgação Autores Espíritas Clássicos⁷ e Portal Luz Espírita⁸ — e não somente como expectadores, mas também como partícipes dessas pesquisas.

No mais, não deixa de ser para nós um pesar tomar nota de todas essas vicissitudes pelas quais passou o movimento espírita nascente, não obstante isso nos seja interessante até como exemplo a ser evitado em nossa campanha atual para a disseminação desta doutrina de luz, esperança de todos aqueles nela iniciados.

Os Editores

⁶ <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo> -- N. E.

⁷ <http://www.autoresespiritasclassicos.com> — N. E.

⁸ <https://www.luzespirita.org.br> — N. E.

Prefácio

Berthe Fropro, indignada com a situação do Espiritismo, e com razão em vários aspectos, escreveu o livro *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* denunciando as atrocidades cometidas por Pierre Gaëtan Leymarie contra a doutrina, principalmente em relação ao espaço dado na *Revista Espírita* ao roustanguismo e à teosofia.

Com isso, especialmente em resposta à referida obra de Fropro, Leymarie escreveu a brochura *Ficções e Insinuações*.

E nem tudo do que Leymarie foi acusado posteriormente, ele de fato o fez, por exemplo, quando se atribuiu a ele as alterações feitas pelo mestre na 5ª edição de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Tal edição é de 1869, enquanto Leymarie substituiu Desliens só em 1871, após sua renúncia como gerente da *Revista Espírita*, e Bittard em 1873, depois de seu pedido de demissão como responsável pela Livraria Espírita.

Outros fatos mostraram ainda Paul Leymarie, seu filho, afirmando na *Revista Espírita* de maio e julho de 1914, a um assinante do Rio de Janeiro: “A obra de Roustaing é notável à primeira vista, contudo, é contrária aos ensinamentos de Allan Kardec. Atraente e aparentemente lógica, ela é — em efeito — suscetível de criar cismas muito sérios. Até agora, entretanto, este trabalho não atingiu o objetivo pretendido de seu autor. O

ensinamento kardecista, portanto, segue sendo o único que deve ser considerado pelos espíritas”. Não deixa de ser interessante tal posicionamento, embora este personagem, com apenas 17 anos de idade em 1884, não seja abordado nas brochuras sob análise, publicadas naquele ano.

Assim como vemos hoje em várias mídias, inclusive em rádios ditas espíritas, onde o Espiritismo aparece entre as mais diversas e estranhas práticas como terapias alternativas, complementares e integrativas etc., a *Revista Espírita* pós-Kardec, sob a supervisão da família Leymarie, Pierre Gaëtan, Marina Augustine Duclos e Auguste Paul, em épocas distintas, também sucumbiu às ambições associadas às necessidades de financiamento em detrimento da qualidade de conteúdo.

Porém até o momento o Movimento Espírita só ouviu as acusações, e já fez o julgamento, condenando Pierre Gaëtan Leymarie. A tradução e publicização da brochura *Ficções e Insinuações* nos permitirá ver a defesa.

Contudo esta publicação não é uma absolvição dos seus atos, pois muito ainda precisará ser pesquisado, não só com relação à questão da *Revista Espírita*, mas também do caixa da Sociedade Anônima.

Esperamos enfim que, aos poucos, todos possamos construir a verdadeira historiografia do Espiritismo.

Carlos Seth
CSI do Espiritismo

FICÇÕES E INSINUAÇÕES
RESPOSTA

À BROCHURA

MUITA LUZ
(Beaucoup de Lumière)

Ficções e insinuações

Asnières⁹, 21 de maio de 1884.

Meu caro Sr. Leymarie,

Recebi nestes dias uma brochura embrulhada em que vós sois muito maltratado.

Não sei se lhe convirá respondê-la: exorto-vos a fazer isso. Jamais devemos desprezar os ataques cuja natureza atentem contra nossa consideração. “Sempre resta aí alguma coisa.” Acrescente-se que os homens são naturalmente inclinados a acreditar no mal quando ele pode rebaixar o próximo. *Todos acreditam em elevar-se diminuindo os outros.* É triste, mas é assim, apesar dos incessantes apelos feitos à fraternidade humana; é assim mesmo entre “irmãos de fé”. Vós o sabeis.

Não conheço ninguém tão elevado que não dependa dos outros e possa escapar do julgamento dos seus concidadãos. A consciência do dever cumprido não é suficiente. É uma consciência coletiva da qual todos nós dependemos e que tem o direito de poder julgar até mesmo nossos atos. Devemos fornecer-lhe os meios lançando luz ao nosso redor. Pede-se “muita luz”, dê-las ainda mais.

A calúnia, quando um tanto hábil, nem sempre se cerca de trevas. Ela gosta bastante do claro-escuro e das luzes falsas que não mostram mais do que um lado das coisas, aquele que pode prejudicar. Vemo-la, por exemplo, voluntariamente derramando uma lágrima sobre o “irmão de fé” que já teve o infortúnio de ir à falência, mas ela se esquece de dizer que desde há muito ele não deve mais nada a ninguém.

Lançai-vos, portanto, para trazer o grande dia sobre todos os pontos

⁹ Asnières (atualmente Asnières-sur-Seine) é uma comuna francesa do departamento de Hauts-de-Seine na região de Île-de-France, à qual também pertence Paris — N. E.

deixados na sombra. Que a luz se espalhe a todo o seu redor e não deixe refúgio para quaisquer mentiras. Falai, entretanto, apenas do que pode interessar à vossa consideração; é só o que importa. Deixai de lado as *fofocas* e as querelas pessoais. Não podemos agradar a todo o mundo. Vós tendes, sem dúvida, como cada um de nós, vossas asperezas de caráter, e poderíeis ter ferido, sem o querer, pessoas que disso guardam rancor e pensam que todos os erros estão do vosso lado, embora talvez fossem recíprocos e que, de ambos os lados, possa ter faltado calma, doçura ou caridade fraternal. Todos nós fomos feitos assim, infelizmente! Tão sensíveis ao mal que nos é feito e nem sequer nos damos conta do mal que fazemos aos outros. É sempre a palavra tão profunda e tão cruelmente *cômica* do charlatão que promete arrancar os dentes sem dor e responde ao paciente cuja mandíbula ele massacrou: “Não sinto dor em arrancá-los”. Quando falo aqui do mal que cada qual faz sem dele se aperceber, refiro-me sobretudo ao que se faz com a palavra ou com a pena: a injúria, a crítica ácida, a maledicência, o mau propósito. É contra essa tendência tão comum e tão difundida no mundo que todos nós temos que zelar para dela nos garantir. É tão fácil manter o espírito às custas do próximo!

Não sei se concordareis comigo, mas, no vosso lugar, eu ficaria muito grato ao autor da brochura por ter acumulado tão dolorosamente, para jogá-las em vossa cabeça, todos os agravos de que se possa valer contra vós. Foi uma dama, parece, quem lhe prestou este serviço. Ninguém mais que as mulheres para ter tais amabilidades. Esta aqui não tem a mão leve. Ela se dedicou, sem dúvida, a bater forte. Convém lembrar o provérbio: “quem ama bem castiga bem”. Ser-vos-á fácil provar que em muitos casos ela não bateu com justiça e vós só tereis que pisar no fantasma e explodir todo aquele frágil andaime para ver o fantasma esvaecer-se e o andaime desmoronar. Desejo que, ao desabar, não esmague ninguém, nem mesmo os dedos femininos que trabalharam nesta triste tarefa.

Entretanto, é preciso acabar com isso. Desde muito tempo uma surda conspiração incubada no seio do espiritismo se dedica a vos demolir na mente daqueles que se aproximam de vós. De minha parte, muitas vezes tive que alertar as pessoas que vos atacavam a fim de articular contra vós um fato que possivelmente provaria que vós não sois um homem honesto. Nunca cheguei a alcançar que eles respondessem categoricamente a uma tal questão. Acrescentai, no entanto, que se alguém pudesse me provar isso, eu me afastaria de vós muito prontamente, sem cerimônia e com clareza. Há cinco anos vos tenho examinado e, se descobri defeitos em vós,

estes não são daqueles que podem vos fazer perder a estima das pessoas honestas. Não quero fazer aqui vossa apologia e falar de vossas qualidades, vossas virtudes como homem privado e chefe de família. Esperemos que estejais morto para vos render justiça, e outros além de mim então o farão livremente.

Meu papel se limita aqui a vos dar os conselhos que me pedistes. Faz-se necessário responder ao ato de acusação dirigido a vós. Respondei como quiserdes em sua *Revista*¹⁰ ou numa brochura, mas respondei. À vista como vós estais, tendo uma missão a cumprir que vos rende solidariedade de vossos irmãos de fé, vós não tendes o direito de se resignar ao silêncio, quando se desencadeiam contra vós inimizades ardentes. Além disso, declaro que ninguém tem o direito de se resignar à iniquidade e de sofrer sem protestar o ultraje imerecido que lhe é jogado na cara. Resignar-se envolvendo-se soberbamente na própria inocência é uma tolice, ao mesmo tempo que um suicídio moral que ninguém tem o direito de cometer. Nosso primeiro dever é o de respeitar em nós a pessoa humana que somos e fazê-la respeitada pelos outros. Respeitemo-nos a nós mesmos se quisermos que os outros nos respeitem. Podemos dar aos outros a nossa vida terrena, não podemos sacrificar por eles a nossa honra, nossa dignidade moral, a estima que temos de nós próprios e que inspiramos a quem nos conhece. É lá, no santuário de nossa consciência e sob a influência das almas que nos cercam e leem nossos pensamentos, que é construída a esfera de nossa futura personalidade. Assim, nosso ser atual cria sem cessar nosso ser futuro e prepara o ambiente planetário ou etéreo que um dia habitará; de sorte que a nossa pessoa, no seu incessante *dever*, está constantemente ligada ao seu passado, de que ela é o resultado, e ao seu futuro, do qual é a causa próxima e eficiente. Vemos que imensa responsabilidade recai sobre cada um de nós, e como é importante para o homem que chegou ao conhecimento de sua imortalidade e para o governo de si mesmo jamais perder nada de suas aquisições anteriores e jamais cair aos seus próprios olhos, nem diante da razão consciente da humanidade à qual pertencemos como membros de um mesmo corpo.

Perdoai-me por esta excursão no domínio da espiritualidade religiosa e que os espíritas *da letra* queiram me desculpar se eu proferi alguma heresia sem precedentes de natureza a chocar sua ortodoxia. — Coisa difícil de compreender: o espiritismo tem sectários que professam que o

¹⁰ Menção à *Revista Espírita (Revue Spirite)* — N. E.

espiritismo não é uma religião (é também minha opinião), ao mesmo tempo em que eles formam uma seita e exigem que permaneçamos na ortodoxia! Compreenda quem puder.

Esta não é a única coisa além da qual não se explica no espiritismo. Façamos então *muita luz*, como bem diz esta dama. Ela nunca será demais, nunca o bastante.

Saudações fraternas,

Charles FAUVETY.

AVISO. — Qualquer coisa impressa em texto pequeno é retirada da brochura *Muita Luz*.¹¹

Primeira Ficção.

Uma falsa comunicação que é até mesmo vergonhoso de se admitir.

Comunicação

27 de fevereiro de 1881.

Querida Amélie,

Eu gostaria muito de te ter dado alguns conselhos mais cedo; até o presente, isto não pôde ser feito, porque para o assunto que desejo te falar eu não poderia me servir de quaisquer médiuns.

Com o tempo, eu te disse que queria te ver acolher o meu pensamento; tentei isso, muitas vezes, mas ainda não o consegui. Talvez agora queiras me reservar oportunidade de acesso, pondo de lado as

¹¹ E para melhor destaque, além de uma fonte em tamanho menor, aqui colocamos em outra tonalidade mais escura as citações incidentes na obra — N. E.

preocupações terrenas, deixando sua mente mais livre a fim de escutar meus avisos. Então, vou ainda, de uma maneira intuitiva, fazer-te compreender minhas intenções, a ti, querida Amélie, dando o último retoque à nossa obra. Por favor, detenha-te ao que te seja inspirado neste momento, e espero que desta vez seja definitivo. Muitas vezes tu descartaste o que eu tentava te fazer compreender. Quando julgares ter compreendido aquilo que desejo, pergunta ao médium que te transmite os meus pensamentos nesse momento, se tu estiveres certa e eu lho direi.

Deves saber que não pretendo obstruir teu livre arbítrio, mas tu me pedes conselhos e eu lhos dou como eles devem ser por ora.

Agora o que irei te dizer é quanto à missão de que te falei. Não é possível que aquilo que deveria ir para um lado definido pelos Espíritos superiores vá para o lado que, mais tarde, *deva paralisar as ideias que eu semeiei*; isso é o que acontecerá se deixares as coisas no estado atual.

Não te disse, Amélie, querida companheira de meus trabalhos, que era para o futuro que tinhas que olhar, por ti, por mim, pelo espiritismo? Cabe a ti, portanto, retificar aquilo que, até o momento, tem sido manchado de erros. A ti cabe distinguir os espíritas de nova data que não têm senão a lisonja e o interesse por guias; a ti cabe distinguir os espíritas desinteressados e devotados à nossa causa desde há muito tempo, e que, chamados para continuar a fazer frutificar o que eu semeiei, devem, tão logo o momento de agir lhes seja indicado, formar uma *sociedade nova* convocada a elaborar a continuação das minhas obras. Os membros que devem compô-la já estão escolhidos por nós; eles devem, sob os meus auspícios e os teus, cumprir a nossa missão e a deles.

Vês, cara amiga, que não é à velha sociedade que deverias retornar o que pensastes em fazer; isso seria *bastante ao contrário às minhas ideias* e ao propósito que deve ser alcançado.

Assim, por ora, não te prendas senão a uma coisa, que consiste em preparar-te para mudar as disposições existentes em favor daquela velha sociedade, encaminhando-as àquela que irá se formar e a qual a tua missão é a de velar.

Examina também, querida amiga, aquilo que te foi dito de diversas formas, e poderás reconhecer ter recebido muitos avisos. Eis o que desejo que compreendas bem.

Um pouco mais tarde, dar-te-ei uma comunicação mais precisa concernente à sociedade atualmente existente, e, conquanto deixo o teu livre-arbítrio, descrever-te-ei o papel que a nova sociedade deve cumprir,

que em breve chegará ao ponto que lhe está designada.

ALLAN KARDEC.

Não se poderia provar melhor aquilo que não passa de uma *captação alinhada*; preferimos acreditar que essas comunicações foram fabricadas pela circunstância, pois é insensato dizer, pelo espírito de Allan Kardec, dirigindo-se à sua esposa: “*Por favor, detenha-te ao que te seja inspirado neste momento*”. Depois: “*Não é possível que aquilo que deveria ir para um lado ESCOLHIDO PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES, vá para o LADO que, mais tarde,*” etc...

Mais adiante: *A ti cabe distinguir os espíritas DESINTERESSADOS e devotados à nossa causa etc.*

Desinteressados? Por que tanto trabalham eles para ter essa herança? Mas isso não é mais grave: essa afirmação de uma sede alinhada com o que imprimiram, e tivemos que relê-la várias vezes para não acreditarmos que estávamos sonhando: “*Vês, cara amiga, que não é à velha sociedade que deverias retornar o que pensastes em fazer; isso seria BASTANTE CONTRÁRIO ÀS MINHAS IDEIAS e ao propósito que deve ser alcançado.*” E ainda: “*Assim, por ora, não te prendas senão a uma coisa, que consiste em PREPARAR-TE PARA MUDAR AS DISPOSIÇÕES EXISTENTES EM FAVOR DAQUELA VELHA SOCIEDADE, ENCAMINHANDO-AS ÀQUELA que irá se formar e a qual a tua missão é a de velar.*”

Não estamos mais do que delirando, *é isso*. E pensar que esses fabricantes de comunicações, tão desapontados com o testamento, descobriram uma velha bisavó da senhora Allan Kardec, que, imediatamente informada, também queria essa herança; habilmente excitada, ela nos acusou de captação, caso previsto em lei!! Nós que não íamos mais à casa de madame

Kardec desde 1875, Sr. Levent, velho amigo de Allan Kardec, muito ligado à sua viúva, tendo rogado insistentemente à Sociedade e seu administrador de se abster o máximo possível, para não ser incluído entre os herdeiros: isso foi decidido em assembleia geral, diante de madame Allan Kardec; nossos societários quiseram então salvaguardar sua dignidade.

Deuxième Fiction

Segunda falsa comunicação, à qual tínhamos prestado pouca atenção, pois que fora *relegada aos velhos papeis*, com a precedente e as subsequentes.

COMUNICAÇÃO

Eis a comunicação que me foi dada na mesma noite:

27 de fevereiro de 1881.

Querida senhora e amiga,

Estou muito feliz e vos agradeço os bons cuidados que vós dispensais à minha querida companheira; o que tendes feito é inspirado pelos bons sentimentos em relação a ela; por isso eu vos sou muito agradecido.

Como vos foi dito¹², vós estareis dentre os Espíritos missionários que

¹² Numa precedente comunicação, que não mantive guardada, foi-me dito que serei presidente da nova sociedade, que me tornaria escritora de um jornal fundado por ela, que eu faria conferências, e que eu teria grande influência sobre o futuro da doutrina. Eu não acreditei em nada disso, nem tampouco Madame Kardec, e nós não vamos dar importância alguma a essas comunicações; nas que eu dou, eu as *encontrei* faz três meses EM VELHOS PAPÉIS.

têm uma grande tarefa a cumprir. Em breve, eles irão iniciá-la e vereis então o rápido desenvolvimento de nossas ideias. Uma sociedade nova está em preparação; os Espíritos terrestres estão escolhidos; a qualquer momento eles se farão conhecidos a vós, e como vós já sois velhos amigos de precedentes existências, vós vos entenderéis perfeitamente; vós sereis um dos nossos bons médiuns: surgir-vos-ão diversas faculdades novas, assim que vossa saúde for restaurada por bons fluidos, como vos foi dito. Pertencereis a um grupo escolhido, pelo qual os Espíritos superiores poderão verdadeiramente se comunicar sem ter que lutar contra os Espíritos recalcitrantes. Vós assistireis e ajudareis o desenvolvimento de vossa sociedade, que marchará a passo de gigante.

Como eu vos dizia, a sociedade se formará aos poucos; e vos será solicitado fazer parte dela, vós estareis então com nossos amigos, rodeada de médiuns cujas faculdades serão desenvolvidas até o mais alto grau. Podereis conversar diretamente conosco e eu espero que neste momento vós sejais feliz.

Um pouco mais de paciência e em seguida a felicidade.

ALLAN KARDEC.

Terceira Ficção

Terceira falsa comunicação retirada dos velhos papéis.

Madame Kardec teve entre seus inquilinos um Sr. X., de uma educação medíocre, mas instruído, velho professor, bom escritor, tendo a palavra fácil, inclusive eloquente. Sua franqueza e bondade nos havia seduzido, ele foi muito atencioso com minha amiga, prestando-lhe mil pequenos serviços; graças aos médiuns que nos cercaram, nós pudemos lhe demonstrar a verdade dos fenômenos espíritas; ele aceitou nossas crenças com entusiasmo. Madame Kardec o recebeu no comitê da sociedade anônima. Ela esperava fazê-lo presidente, e, mais tarde, gerente de sua propriedade. Mas, em 10 de março, ela recebeu a seguinte mensagem:

COMUNICAÇÃO

10 de março de 1881

Querida Amélie,

Hoje eu começo por uma rápida exposição sobre a existência e a finalidade da nova sociedade.

Esta sociedade, assim que o seu anúncio tenha sido enviado a alguns dos nossos médiuns, organizar-se-á de acordo com nossas indicações. Os preparativos estão sendo concluídos e em breve ela entrará em funcionamento.

Eu te disse que os médiuns que serão empregados sob a minha direção foram escolhidos por nós, Espíritos; que eles eram e serão comprometidos com a doutrina, e que sua reunião, *em que a sinceridade existirá*, nos permitirá fazer progredir nossas ideias por todos os meios científicos.

Mais tarde, esses médiuns, auxiliados por outros que lhes serão designados, terão de elaborar e propagar certas obras que nós lhes ditaremos; essas obras, inspiradas por Espíritos designados para este fim para elevar nossos princípios ao mais alto grau, deverão ser espalhadas no vosso mundo. A data fixada para isso está prestes a entrar no período da realidade.

Querida Amélie, eu poderia dizer-te muitas coisas, MAS PARECE QUE TUA CONFIANÇA É RESTRITA, então não poderia me exprimir mais longamente sobre tal assunto; repetirei para ti uma vez mais: o que te anuncio *chegará*.

Como já te disse, tu tens teu livre-arbítrio; apenas me permita dizer-te que de tua parte deverás refletir bem e, sobretudo, compreender *que estou em melhor posição para ver o que se passa e o que deve acontecer*.

Tu pensas que com algumas modificações na antiga sociedade, esta ficaria muito bem composta para reunir as qualidades necessárias sob o ponto de vista de que te tem sido retratado. Não! Eu não vejo isso de modo algum conforme tu pensas, e acredite em mim, EU VEJO.

Como se pode crer que em removendo uma individualidade orgulhosa, malgrado tantas advertências, pensar em substituí-la por outra que talvez seja tão orgulhosa quanto, e que só tem interesse em governar, seria uma vantagem? Não, querida Amélie, teu julgamento está mal fundado a este respeito. É inútil fazer proceder tais mudanças por uma coisa que não seria mais benéfica à nossa causa.

Amélie, faço-te lembrar de que tu tinhas uma missão a cumprir, que eu ficaria muito triste caso não a completasse; que uma vez perto de nós, poderíeis ver com bastante pesar, que o caminho que percorreste era totalmente contrário à realidade.

Refleta novamente e tu saberás discernir a verdade do que é falso.

Allan Kardec

Quarta Ficção

Esta comunicação influenciou minha amiga, que deixava as coisas como estavam, esperando o tempo todo.

Nesse ínterim, o Sr. X foi exposto a indignas calúnias no seio do comitê; ele queria evocar um tribunal de honra, mas todos se recusam, e, bastante insatisfeito com a atitude dos membros aos quais ele havia se endereçado, ele pediu a sua demissão.

Para se fazer útil ao espiritismo, ele propôs à Madame Kardec se ela consentiria emprestar 10 mil francos ao diretor do jornal intitulado: *A Vida Doméstica*, a fim de nele escrever artigos espíritas, de nele analisar as obras do Mestre e tornar a doutrina conhecida a numerosos leitores.

Ela prontamente aceitou, acreditando que esse jornal poderia ser o órgão da nova sociedade. O primeiro artigo foi publicado a 30 de abril de 1881. O autor relata como ele tornou-se espírita e analisa todo *O Livro dos Espíritos*; isso durou cerca de um ano. Madame Kardec estava muito contente, e, “como todo trabalho merece um salário” — disse-me ela —, oferecera cinco mil francos ao Sr. X, que não desejava tocar no dinheiro exceto após a sua sucessão.

O Sr. X. jamais fez parte da Sociedade para a continuação das Obras espíritas de Allan Kardec, por conseguinte, ele não tinha qualquer demissão a entregar.

Quinta Ficção

Depois veio uma quarta comunicação, sempre retirada de

velhos papéis, no mesmo sentido que as três primeiras e que é inútil reproduzir aqui.

UMA VERDADE POR ACASO (página 16):

Madame Allan Kardec claramente se recusou a ser presidente da União Espírita, não querendo nem lutar nem destruir a Sociedade que ela e seu marido haviam fundado.

Esta é a única frase completamente verdadeira contida neste folheto.

“Um Comité de Ação se forma.” (Página 18.)

Favor acrescentar: na ausência do Sr. Leymarie, completamente fora dele e de nossa Sociedade, quando; quando ele retorna a Paris, os estatutos estavam feitos e a federação organizada.

Da leitura das comunicações inseridas no cabeçalho da brochura, não se constata que, desde há muito, tivessem o intuito bem determinado de entrarem na nossa Sociedade anônima! A boa situação da fortuna de madame Allan Kardec não desenvolve, muito claramente, esse pensamento? No mais, a União espírita queria formar uma *Sociedade por ações e criar um jornal*; o Sr. Vautier, membro do conselho fiscal da nossa Sociedade, sabendo muito bem que não tinha recebido a tarefa na assembleia geral para fundar uma nova Sociedade por ações, ao lado da nossa, *o que teria sido ilegal*, claramente se recusou a aceitar esse plano; disse-lhes que eram livres, fora da nossa sede, para fundar uma Sociedade e até um jornal o qual eles mesmos assinassem, se sua redação lhes interessassem, mas que o administrador e ele, encarregados de conservar intacta a constituição da Sociedade

fundada por madame Allan Kardec e seus coassociados não poderiam se prestar a uma manobra que tendia nada menos do que fazer absorver nossa Sociedade por outra.

E com isso, nossos adversários sentiram que o lugar estava bem guardado, que ali não havia mais nada a tentar e se retiraram.

Estender a mão a tais atos teria sido, da parte dos Srs. Vautier e Leymarie, uma obra de estupidez, de ingenuidade, e sobretudo de desonestidade na ausência dos outros membros da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec.

Sexta Ficção

“Foi então que o Sr. Leymarie, no espírito de conciliação no qual todos queriam acreditar, disse à madame Rosen, para grande estupefação desta: Eles serão afundados; e ao Sr. His: Nós vos esmagaremos.”

O Sr. Leymarie nega o mais categoricamente possível ter dito algo semelhante tanto a um quanto ao outro dos dois personagens citados.

Sétima Ficção

Madame Kardec ficou bastante descontente com a mudança da Sociedade da rua de Lille para a rua des Petits-Champs, mudança que aumentou o aluguel em 4.600 francos. A decisão tomada de ali dar festas a assustava; havia distância da simplicidade do Mestre com aquela ordem de coisas.

Ele jamais teria tomado a decisão de dar festas na rua des

Petits-Champs. Nossa Sociedade não deu mais do que *uma festa anual*, no aniversário de morte de Allan Kardec¹³.

A transferência da Sociedade da rua de Lille para a sua atual sede foi aprovada por unanimidade em assembleia geral, incluindo o voto de madame Allan Kardec. Tudo acontece legalmente, em termos de decisões a serem tomadas.

Oitava Ficção

“O Sr. Leymarie recebeu até 14 procurações dos membros deste Comité que habitavam na província.”

Os Estatutos da nossa Sociedade são formais. UM MEMBRO NÃO PODE REPRESENTAR MAIS DE 3 PESSOAS — de 3 a 14, diferença 11; - toda a verdade está nestas proporções, no folheto, *Muita Luz*.

Nona Ficção

“Os membros do Comité colocaram a doutrina em perigo.”

A doutrina não está em perigo, uma vez que vós estais lá para levantá-la e nas vossas mãos ela caminhará *a passos de gigante*. Desde dois anos, temos esperado o resultado dessas belas promessas, e gostaríamos que elas fossem efetivas para o bem da causa. Vós fazeis muito barulho e um péssimo trabalho mau.

¹³ Os concertos dados pela Sociedade de Estudos psicológicos, que alugaram nossa sede, eram completamente fora de nossa Sociedade; e não a envolveram de nenhuma maneira.

Décima Ficção

“M. Leymarie, sentindo-se mestre absoluto, e na sua orgulhosa pretensão, querendo se passar por um cientista, acolheu todas as sociedades mais ou menos científicas. Tornou-se ADEPTO da Sociedade Teosófica fundada pelo coronel Olcott e Madame Blawatski em Bombaim. Recebeu um *título bem como a sua esposa*, e foi nomeado Presidente da seccional da França.”

O Sr. Leymarie não é nem será ADEPTO da Sociedade Teosófica. — Os adeptos são os Brâmanes que atingiram ao mais alto grau de avanço e possuem, ao que parece, um sexto e até sétimo sentido que nos são desconhecidos.

O Sr. e a Sra. Leymarie receberam de Nova Iorque, sem o pedir, apesar de que a Sociedade das Índias não existia, e que não era questão nem de budismo nem de bramanismo um título de uma Sociedade Teosófica que estava a ser criada nos Estados Unidos, sem dúvida porque estavam em voga e se ocupavam com a psicologia; mas esse título não é o único que lhes foi enviado; receberam-nos de uma série de Sociedades diferentes, ocupando-se de questões tocantes ao espírito, de uma forma mais ou menos semelhante às NOSSAS CRENÇAS PESSOAIS COMPLETAMENTE ESPÍRITAS. Não se pode recusar esses títulos, e eles não vinculam aqueles que os recebem.

Mal-informado, o [jornal] TEOSOFISTA anunciou que o Sr. Leymarie era Presidente da seccional dos Teosofistas Espíritas Franceses; Madame Blavatsky, atualmente em Paris, constatou o erro e uma retificação irá aparecer no TEOSOFISTA. Como simples estudante, Leymarie quer saber o que há nessa questão que preocupa tantos homens eminentes na Europa — o que é o seu

dever como Espírita e publicista.

Os Teosofistas parisienses sabem muito bem que o Sr. Leymarie não é partidário de sua doutrina. *Ele permanece Espírita* — pura e simplesmente. Ele não pode *ser seu Presidente*. A autora de *Muita Luz* clareou mal sua lanterna.

Tendo por base o Espiritismo, tal como ensinado por Allan Kardec, os discípulos desse Mestre podem abordar tudo o que interessa a sua crença; nada pode afetar sua sólida base. Nossa doutrina, que pode suportar todas as contradições, se assemelha àquilo que é progressivo, racional, digno de estudos sedimentados, e rejeitará aquilo que lhe é contrário.

O Sr. Fauvety fundou e dirige exclusivamente o Boletim da Sociedade a que presidiu, e em acordo com o Comité da Sociedade científica de estudos psicológicos, ele quis discutir ideias levantadas pela Sociedade Teosófica de Madras; a *Revista Espírita*, que é estranha ao que foi feito pela Sociedade científica de estudos psicológicos, contou aos Espíritas sobre as teorias da escola Teosófica, e nada pelo que se inquietar mais com isso.

Nosso administrador jamais se ocupou do Boletim. O Sr. Charles Fauvety, que nem é Budista de fato, ali discute *ex professo* essa doutrina.

Nós o repetimos: nem a Revista e nem sua redação são Teosofistas. Apenas, é prudente e útil estudar, constatar aquilo que se faz alhures; não se progride senão a esse preço.

Não damos a quem quer que seja o direito de nos impor a sua vontade; somos livres para agir e somos os únicos juízes daquilo que nos convém estudar em termos de pesquisa útil à verdade. Esta liberdade, todo espírita convicto a reivindica com justa razão.

Décima Primeira Ficção

“A Sociedade do Livre-Pensamento religioso criada pelo Sr Fauvety, para os enterros civis, tem uma bandeira e um lençol mortuário repleto de estrelas e sóis de ouro, verdadeiros ornamentos, de que se faz rir às custas dos espíritas e do Espiritismo.”

A Sociedade do LIVRE-PENSAMENTO RELIGIOSO para enterros civis não tem *nem bandeira nem lençol mortuário*. No seu zelo e ardor, a autora confunde *tudo*; tudo se mistura no seu cérebro efervescido pelo ódio. Os ornamentos de que se fala são sem dúvida aqueles que o Sr. Guérin tinha feito em Paris para a Sociedade Espírita de Villenave-de-Rions. Isso não tinha nada a ver com o Sr. Fauvety.

Vê-se algum crime em se ter um lençol especial para enterros espíritas com estes dizeres: “*Solidariedade universal; nascer, morrer, renascer ainda, tal é a lei; e Fora da Caridade não há salvação*”? Este último lema, vós devíeis passar vossos dias praticando-o e vossas noites a meditar sobre, se quereis serem dignos de serem cobertos com tais ornamentos em vossa desencarnação!

Décima Segunda Ficção

“Jamais meu marido pediu nada a ninguém; aquilo que fez, ele o fez com seus próprios recursos.”

Palavras que a autora cita como sendo de madame Allan Kardec.

Eis aqui o que o próprio Allan Kardec escreveu, na *Revista Espírita* n° 6, junho de 1865:

“Muito se tem dito sobre os lucros das minhas obras; certamente, ninguém sério acredita nos meus milhões, malgrado a afirmação daqueles que dizem ter de boa fonte de que eu tinha um comboio principesco, carruagens de quatro cavalos e que, em minha casa, só se andava sobre tapetes de Aubusson (*Revista* de junho de 1862, página 179). O que quer que tenha dito, aliás, o autor de um panfleto que vós conheceis, e que prova por cálculos hiperbólicos que o meu orçamento de receitas excede a lista civil do mais poderoso soberano da Europa, parece que, só em França, vinte milhões de espíritas são meus tributários (*Revista* de junho de 1863, página 175), há um fato mais autêntico do que seus cálculos é o de que jamais pedi nada a ninguém, que ninguém jamais me deu nada pessoalmente; em uma palavra, que *eu não vivo às custas de ninguém*, pois, das somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito¹⁴.

“Minha imensa riqueza viria, portanto, das minhas obras espíritas. Se bem que essas obras tinham sido um sucesso inesperado, eu precisaria ser um tanto inexperiente nos negócios de livraria para saber que não é com livros filosóficos que se enriquece em cinco ou seis anos, quando o direito do autor não tem sobre a venda mais do que alguns centavos por exemplar. Porém, quer seja muito ou pouco, sendo este produto o fruto do meu trabalho, ninguém tem o direito de se imiscuir no uso que eu faço dele, mesmo que se trate de milhões; desde que a compra de

¹⁴ Essas somas equivalem à esta época ao total de 14.000 francos.

livros, bem como a assinatura da Revista, seja opcional e não seja imposta em circunstância alguma, nem mesmo para assistir às reuniões da Sociedade, não é da conta de ninguém. Comercialmente falando, estou na posição de todo homem que colhe o fruto do seu trabalho; eu corro o risco de todo escritor que pode ser bem-sucedido ou pode fracassar¹⁵.

“Se bem que, quanto a este assunto, não deva prestar contas a ninguém, creio ser útil, até mesmo pela causa à que me devotei, dar algumas explicações.

“Direi primeiramente que, como as minhas obras não são propriedade exclusiva minha, sou obrigado a comprá-las do meu editor e de lhes pagar como um livreiro, exceção feita à Revista; que o lucro acha-se singularmente diminuído pelas obras não vendidas e pelas distribuições gratuitas feitas no interesse da doutrina às pessoas que, sem isso, ficariam privadas delas. Um cálculo muito fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou doados, pelas quais nem por isso deixo de pagar, bastaria para absorver o lucro de cem volumes. Isto seja dito a título de informação e entre parênteses. Some-se tudo e, feito o balanço, resta, entretanto, alguma coisa. Suponhais a cifra que quiserdes; o que faço com ela? Eis aí o que tanto preocupa certa gente.”¹⁶

¹⁵ “Àqueles que têm perguntado por que vendemos nossos livros em vez de os doá-los, respondemos que assim faríamos se tivéssemos encontrado uma gráfica que os imprimisse sem custo, um fornecedor que nos fornecesse o papel de graça, livrarias que não exigissem nenhuma quantia para distribuí-los, uma administração dos Postais que os transportassem por filantropia etc. Entretanto, como não dispomos dos milhões para fazer frente a essas despesas, somos obrigados a lhes atribuir um preço.”

¹⁶ Veja a seguir a brochura "Constituição do Espiritismo", de Allan Kardec. Preço: 0,50 francos.

Nossa Sociedade passa atualmente pelas mesmas fases de acusações banais e podemos nos servir das palavras de Allan Kardec, tão lógicas e sensatas; como ele *“Nós temos contas a prestar e cremos seja útil, pela causa à qual nos devotamos, dar algumas explicações.”*

Décima Terceira Ficção

Página 26, décimo quarto parágrafo. — Sr. Guérin NÃO FEZ DOAÇÃO À NOSSA SOCIEDADE DE UM TOTAL DE CEM MIL FRANCOS, mas de um IMÓVEL construído especialmente para uma Sala de Conferências; esse imóvel, avaliado em CENTO E OITO MIL francos, não dá atualmente nenhum rendimento, o que não é exatamente a mesma coisa.

Naturalmente, a Sociedade tinha que pagar os tributos ao Estado, e, contudo, é essa contribuição que tem suscitado tantas iras e invejas, mentiras e calúnias.

Décima Quarta Ficção

“Essa condição das cem ações nos parece uma armadilha. Por esse meio, poderiam escolher seus acionários. O Sr. Guérin tornou-se o mestre absoluto do Comité, pois ele poderia ali ingressar somente suas criaturas. Isso é um verdadeiro perigo.”¹⁷

Vós procurais ainda enganar vossos leitores com

¹⁷ Não existe Comité na nossa Sociedade. A cada assembleia geral, Presidente e Secretário são escolhidos no começo da reunião.

conhecimento de causa; esses estatutos dizem: título V, art. 22: OS VOTOS SÃO CONTADOS POR PESSOA, SEM TER RELAÇÃO COM O NÚMERO DAS PARTES. Consequentemente, o Sr. Guérin não tem mais do que uma voz deliberativa; no mais, um membro não pode ser aceito sem a UNANIMIDADE DAS VOZES. — Está claro, e vós distorceis a verdade com bastante audácia? Mas enquanto vós estais nessa estrada traiçoeira, um pouco mais ou um pouco menos não vos importa!

Página 27, 5º parágrafo. — Segundo a autora da brochura e aqueles seus amigos, madame Allan Kardec tinha um tal horror por nossa Sociedade, graças às comunicações *caridosas* que lhe foram dadas incessantemente durante dez anos, que ele tinha recomendado, da maneira *mais expressa*, mandar chamar o Sr. Joly, o *Gerente* de nossa Sociedade, tão logo ela estivesse em perigo (página 27, derradeiro parágrafo). Isto prova que o *objetivo* tinha sido *ultrapassado*, e que esse *santo horror* se voltaria contra aqueles que a tinham *obsidiado* com tanta perseverança. Porém, não se arrependam; um segundo testamento, muito em ordem, era feito; e no caso onde o primeiro seria anulado, o segundo, segundo as palavras do tabelião, teria novamente enganado vossas esperanças.

Quando fomos ver madame Allan Kardec, em primeiro de janeiro de 1883, ela nos dissera: “Vós não poderíeis crer o quanto toda essa gente me tem atormentado, a fim de que eu modifique minhas últimas vontades. — Eu tenho minha cabeça e faço meus negócios sozinha, e aqueles que se dizem meus melhores amigos, não tem nenhuma influência sobre mim. — Ninguém precisa saber quais serão minhas últimas vontades antes de minha

morte.”

“*Quem muito quer provar, não prova NADA!*”

“Querem me nomear Presidente da União, mas recusei claramente, pois ainda não sei o que essas pessoas estão querendo.”

Nós a respondemos que, tendo vindo para lhe apresentar nossos votos e aqueles dos membros da nossa Sociedade, não poderíamos nos ocupar com as decisões que ela tinha tomado ou poderia tomar. “Eu sei disso — ela respondeu — mas fiquei contente em vos dar a conhecer todo o meu pensamento.”

Alguns dias antes de sua morte, ela chamou o Sr. Joly para ter sua promessa verbal de bem executar todas as suas vontades. O Sr. Joly lha respondeu que ela poderia contar com ele.

No dia da morte de madame Allan Kardec, os doadores de comunicações tinham todos se reunidos na sala de estar da falecida; inquietos, esperavam *resultados*, e falavam das exéquias; o Sr. Joly disse então que madame Allan Kardec queria ser sepultada exatamente como feito com o seu marido, quer dizer, civilmente, o que testamento confirmaria no dia seguinte. Gritaram fortemente e o ameaçaram ser processado pela parte da família de madame Allan Kardec; era preciso — disseram-lhe — *conduzir o corpo à igreja*. Ora, a família estava ausente e não tinha dado qualquer sinal de vida. Os senhores Joly e Leymarie declararam que, não se sabendo quais eram as disposições derradeiras da defunta, eles assumiriam, por sua vez, em nome da Sociedade, todas as responsabilidades. O Sr. Joly mandou procurar na casa dele a carta para informar quem o tinha convidado, em 1869, para o enterro de Allan Kardec, e nesta impressão foi

copiado o que se segue:

“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tai é a Lei.

“Senhor, vós estais convidado a assistir às exéquias de madame viúva Rivail, Allan Kardec, falecida em seu domicílio, a 21 de janeiro de 1883, avenida de Sègur, 39, aos 88 anos de idade, que se dará nesta terça-feira, 23 de janeiro, ao meio-dia, na hora bem precisa.

“Reunir-nos-emos na casa mortuária. — Ore por ela.

“Da parte de Sociedade pela continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec, da qual ela era membro, de todos os Espíritas e de sua família.

“O sepultamento será no cemitério do Père-Lachaise.”

Esse ato tão simples exasperou os bons amigos de madame Allan Kardec, que, caridosamente, foram à procura da família dela; daí a reivindicação de uma velha parente de 91 anos, que madame Allan Kardec não via desde há um grande número de anos. Para relembrar esses fatos e os distorcer, a autora de *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* parece ter perdido o bom senso.

Décima Quinta Ficção

“Agora, que o Sr. Levent me permita fazer-lhe uma crítica: não podendo aceitar ser o executor testamentário, por que não está informado das vontades da falecida e não procurou conhecer seus últimos desejos? Não! Ele emitiu uma procuração designando o Sr. Leymarie em lugar de suas funções. Ele não poderia ter perdido o interesse por uma questão tão grave, ele que tinha sido Presidente da Sociedade e que era um espírita sincero.”

O Sr. Levent tomou conhecimento do testamento na casa do Sr. Vassal, tabelião de madame Allan Kardec por quarenta anos, e foi após este procedimento que ele teve que dar sua procuração ao Sr. Leymarie, já que a senhora Levent estava muito doente.

A pessoa que escreveu essa versão livre, conhece esses detalhes tão bem quanto nós, pois ela assistiu à posse dos selos. — Ela não tinha nenhum direito a isso, mas esse convite lhe fora feito por condescendência. Foram ela e o Sr. Joly quem auxiliou o Juiz de Paz na posse dos selos.

Décima sexta Ficção

Uma prima distante da minha amiga entrou com um processo de capitulação contra a Sociedade, por instigação de M..., que deveria receber, dessa sucessão, 5000 francos de madame Kardec. Eu não entrarei em todos esses pormenores, mas o tabelião, tendo declarado que o testamento era *inatacável*, teve então que dar prosseguimento ao caso. O Sr. Leymarie preferiu pagar VINTE MIL francos a essa prima para mais depressa apossar-se da herança, deixando, por conseguinte, pairar sobre a inteligência da minha amiga uma acusação de demência ou de falência senil.”

Que falsidade! O Sr. Leymarie tomou todas as medidas necessárias e reuniu todos os documentos para provar o contrário da falência senil ao Presidente do Tribunal, a quem foram remetidas todas as peças recolhidas.

Entre essas peças, encontrou-se uma da autora de *Muita Luz* (*Beaucoup de Lumière*), que ainda temos em nossas mãos.

Era então para se deixar um processo durar três anos e ainda devorar metade do valor da sucessão, com um administrador

judiciário e toda essa situação acontecendo?

Eis aqui um conselho cheio de sabedoria e que denota bem o pouco do bom senso de nossos adversários. Após quatro meses de resistência de nossa parte, acrescentaremos que os tabeliões e os requerentes insistiram muito fortemente para que tomássemos essa resolução.

Décima sétima Ficção

"O que era de se estranhar era que sendo o legatário uma Sociedade, um ser coletivo, nenhum dos membros estava presente à entrega dos selos, nem mesmo o Sr. Joly. Parecia que só o Sr. Leymarie, bem como sua família, eram os herdeiros. Eles foram ajudados pelo Sr. Vautier, tesoureiro e ao mesmo tempo administrador da Sociedade, o que faz que ele controle a si mesmo. Não havia nenhum *inventário*, nem venda pública, salvo as coisas fora de serviço que tinham sido vendidas a antiquários."

O Sr. Vautier não é nem TESOUREIRO, nem ADMINISTRADOR da nossa Sociedade; ele é membro do Comité de fiscalização. — Os dois administradores são: Sr. Joly e o Sr. Leymarie.

Quando se quer escrever uma história, toma-se de melhores informações, e não se confunde tudo para querer falar muito; o Sr. Vautier era tesoureiro da Sociedade de Estudos Psicológicos, sociedade completamente alheia à nossa; por que lhes confundir? Não seria intencionalmente?

Décima Oitava Ficção

A 8ª linha do parágrafo supracitado. — É preciso ir perguntar

ao tabelião, Sr. Vassal, se ele não tinha inventário? E os tributos que temos pago ao Estado? E os vencimentos do tabelião, sobre os quais eles se basearam? Foi um leiloeiro escolhido pelo Sr. Vassal quem avaliou tudo, e os selos foram apostos pelo juiz de paz a cada leilão.

Décima Nona Ficção

“Tudo não passa de questão de dinheiro e tem pouco valor aos meus olhos. Mas o que me fez tremer de indignação foi assistir a um verdadeiro auto de fé. O Sr. Vautier queimou nos jardins pilhas de papéis e cartas. Comunicações interessantes, anotações deixadas pelo Mestre têm sido destruídas.”

Não houve auto de fé de papéis. Em 1873, madame Allan Kardec, depois de uma assembleia geral em que aquilo foi decidido, remeteu à Sociedade todos os documentos importantes e a correspondência que deveriam ser conservados.

No jardim, foram queimados somente velhos livros de contabilidade referentes ao pensionato mantido por Allan Kardec desde sua chegada a Paris, em 1830, mais de duas mil redações de seus alunos e, após triagem, todas as coisas consideradas completamente inúteis.

É preciso ter o espírito bem mau para ousar dizer que nós queimamos papéis importantes deixados pelo Mestre. Que aberração!

Vigésima Ficção

"O Sr. Leymarie, por sua falta de juízo, sua fraqueza e sua credulidade no negócio das fotografias espíritas, havia comprometido não somente a doutrina, mas todos os espíritas sinceros e devotados, que se passaram aos olhos do público como iludidos, tolos e imbecis, porque tinham tido a coragem de defendê-lo.

"Ele deixou ser condenado ao máximo da pena, sem apelação.

"Apesar de todas essas falhas, ele foi mantido à frente da Sociedade. O que foi um erro."

Todo o mundo sabe que o Sr. Leymarie não queria se ocupar com as fotografias espíritas.¹⁸ Mas o comité de fiscalização, composto por cinco pessoas, entre as quais estava madame Allan Kardec, tinha julgado útil estudar essas manifestações; o administrador teve que auxiliá-las, e foi diante desta comissão que se fizeram as primeiras experiências com as fotografias. O Sr. Leymarie, gerente responsável, submeteu-se à pena POR TODOS

, e é por esta razão que a assembleia geral, composta por todos os membros da Sociedade que aceitaram a ela comparecer pessoalmente, decidiu que o Sr. Leymarie, permanecido dez anos em prisão, não deixaria de ser administrador da Sociedade, sendo sua honorabilidade claramente reconhecida; isto está escrito na ata daquela reunião.

Vigésima Primeira Ficção

"O Sr. Leymarie deixou ser condenado sem apelação", disse vós. Pobre gente, leiam os jornais da época; ele estava em apelação e

¹⁸ Leia-se o processo, que está à disposição de quem o queira.

em cassação; isso vós sabeis tão bem quanto nós, e vós semeais a calúnia porque vos lembrais desse provérbio: Caluniem, caluniem, pois sempre sobra alguma coisa.

Vigésima Segunda Ficção

A autora da brochura *Muita Luz (Beaucoup de lumière)* quis até mesmo provar, sem nenhuma prova, que foi o Sr. Leymarie quem produziu a brochura *Os quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing*; isto é hoje o grande cavalo de batalha de nossos adversários, o refrão que volta sem cessar. Foi o Sr. Leymarie quem fez a brochura Roustaing! E por que não os três primeiros volumes dos *Quatro Evangelhos Roustaing*? Ele é a bigorna sobre a qual todos batem duro e forte. É preciso que seja bem sólido para ter resistido até o presente.

Sobre uma suposição, eles escrevem: ESPÍRITAS, MEUS IRMÃOS, ESTE HOMEM NÃO PODE CONTINUAR À FRENTE DO ESPIRITISMO, POIS ELE NÃO É ESPÍRITA; ELE NÃO TEM NENHUMA CRENÇA, e entre parênteses: (QUE ELE SE RETIRE, A FIM DE QUE TOMEMOS O SEU LUGAR).

Mas ele pode lhes responder que é cem vezes mais espírita do que eles! Ele é forte em sua consciência, e deles se compadece profundamente por terem chegado a reivindicar tão desajeitadamente uma herança que não lhes pertence, esses PUROS, esses ESCOLHIDOS pelos ESPÍRITOS SUPERIORES. Que pena! Se seus Espíritos superiores lhes inspiram tanta caridade, ninguém lhes invejará esse triste privilégio.

“Sr. Joly, gerente da *Revista*, assina tudo o que se quer.”

Sr. Joly não assina nem tudo o que se quer; somente o comité de leitura decide os artigos que devem ser inseridos na *Revista*.

Vigésima Terceira Ficção

"Essa Sociedade tem a desfaçatez de nos enviar seus indigentes espíritas, dizendo-se muito pobre para lhes socorrer; a nós, União espírita francesa, que, em termos de capital, não temos senão boa vontade. No entanto, nós lhes temos deixado partir de mãos vazias, mas é a caridade privada que veio em seu auxílio."

NÃO ENVIAMOS JAMAIS indigentes espíritas à União desde sua fundação. Apenas um nos pediu o endereço do Sr. Delanne; por que o teríamos recusado isso?

Desafiamos quem quer que seja de nos citar um infeliz por nós enviado à União e ainda menos a encontrar um que repita essa mentira: *Que éramos pobres o bastante para lhe socorrer*. Temos sempre doado, pouco ou muito, segundo as necessidades dos requerentes.

Vigésima Quarta Ficção, a mais grave

A Sociedade recebeu inicialmente, com a morte do Mestre, 42.000 francos, a biblioteca composta de 8.000 francos, e a *Revista*, que é um capital, já que ela gera uma renda 42.000
Uma casa de campo avaliada em 25.000 francos, houve lá processos, digamos que havia uns 5.000 francos de despesas. É muito20.000
A doação do Sr. Guérin 100.000
A herança do Sr. Guilbert, de Rouen10.000
O lucro estabelecido mais acima sobre os livros fundamentais do Sr.

Allan Kardec	150.000
A livraria é avaliada em	70.000
(Ver a <i>Revista</i> de maio de 1583, página 206.)	
Enfim, a sucessão de madame Kardec, cujo terreno não vale menos que	300.000
Mais cinco casas construídas sobre esse terreno, incluindo um que madame Allan Kardec tinha comprado por 30.000 francos do Sr. Roquet	30.000
<hr/>	
Total	
722.000	

Deixamos a autora da brochura divagar o quanto quiser a respeito das cifras fantasiosas que seu cérebro febril lhe mostre duplicado ou triplicado segundo o acesso. — As pessoas que nos lerão devem saber que nossas tiragens, quando são de 2.000 volumes, compreendem quatro edições de 500 volumes cada. Num milheiro, a tiragem compreende duas edições de 500 volumes; coisa típica de livraria, e isso desde 1860.

Como temos concedido o direito de reprodução aos autores que nos têm demandado, nossa venda fica restrita em conformidade; cada um comprando as reproduções de Allan Kardec na sua própria língua, os mercados estrangeiros nos ficam fechados.

Queiram então diminuir vosso suposto produto em três quartos. Não vendemos os exemplares a 3,50 francos, mas a 2,20 francos; quando pegos às dúzias, isso fica 1,30 francos a menos por volume; 2, 40 francos, comprados separados, para todos os grupos espíritas; e jamais acima de 3 francos para o cliente desconhecido ou de passagem. Então todas as *cifras e detalhes* fornecidos por *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* quanto à venda dos livros são FALSOS. A livraria, nessas condições, *simplesmente*

cobre seus custos.

Vejam os restantes:

Para fundar a Sociedade em 1869, madame Allan Kardec contribuiu com OS DIREITOS de publicar o jornal *A Revista Espírita* e as obras de Allan Kardec; os clichês do livro dos Espíritos e o dos Médiuns, ambos quase gastos para as tiragens e que precisavam ser restaurados, mas sem um único volume impresso. O total avaliado por madame Allan Kardec em 25.000 francos, porém como dinheiro em caixa **Nada**

Sr. Montvoisin, um dos fundadores, contribuiu com a PROPRIEDADE de onze quadros pintados por ele, dos quais somente oito nos foram entregues; propriedade estimada em cinco mil francos, mas como dinheiro em caixa..... **Nada**

Cinco outros fundadores contribuíram, cada qual, com dois mil francos, os quais serviram para cobrir os gastos da instalação da Sociedade à rua de Lille nº 7, em 1869; para imprimir os volumes de Allan Kardec, porém sem um centavo em caixa quando da entrada do Sr. Leymarie como administrador, no final de 1871; resultado do dinheiro em caixa **Nada**

O imóvel aportado pelo Sr. Guérin representa cento e oito mil francos, porém, não é difícil de se saber que como dinheiro em caixa, há **Nada**

A herança de Guilbert, de Rouen, serviu para publicar as traduções da Senhorita A. Blackwell para o livro dos Espíritos e do livro dos Médiuns em inglês; resta em caixa **Nada**

A casa de Brunoy, vendida por 20.000 francos, após três anos de processo, deixou em caixa todas as despesas de advogados, notários, administrador judicial, custos de manutenção e

restauração da casa e do jardim; 2.000 francos de contas pendentes e 2.000 francos doados à viúva do irmão do doador, essa casa deixou em caixa, afirmamos. **8.000 francos**

Além do mais, o rendimento desses 8.000 francos tem um emprego fixado pelo donatário.

Todos esses detalhes já foram dados.

A livraria não é dinheiro; se ela vale 70.000 francos, tudo bem, mas esses 70.000 francos estão nas prateleiras e não em caixa; por isso, é um capital que não figura senão no inventário, mas não no caixa.

Enfim, a sucessão de madame Allan Kardec, que suscitou tanto ódio e da qual tanto se tem aumentado a importância, fez-nos gastar uma enorme soma EM DINHEIRO, e nós não temos herdado mais do que um IMÓVEL, que rendeu 10.500 francos brutos, dos quais foram subtraídos:

1º O necessário para pagar as anuidades vitalícias de *sete pessoas* legatárias de madame Allan Kardec, de quem a autora da brochura — conquanto desse *Muita Luz* — privou-se de falar. Para estes sete legatários, a doadora, de acordo com a lei, tomou a hipoteca do terreno da vila Sègur.

2º O necessário para pagar os juros, de 5% das hipotecas tomadas daquele mesmo terreno, para cobrir as despesas gastas pelas mãos dos tabeliões: honorários, taxas de sucessão, dívidas de pedreiro, serralheiro, encanador, pintor, instalador de gás, carpinteiros e várias contas que demorariam demasiado tempo para se enunciar, num total elevado a mais de 50.000 francos. A essa primeira soma é preciso acrescentar 1.500 francos ao advogado; 20.500 francos à prima distante de madame Allan

Kardec; 500 francos à empregada de madame Allan Kardec, mais sua comida e salários, ou seja, 700 francos. Mais de 6.000 francos para novas restaurações para recolocar em bom estado as casas da vila Sègur; 300 francos para o guarda-selos; 5.000 remetidos ao Sr. X... pelos artigos espíritas em *Vida doméstica*.

Essas somas fornecem um total de mais de 84.000 francos, dos quais tomados 45.000 francos de hipotecas; a diferença foi compensada em espécie e em títulos de rendas, encontrados pelo tabelião no momento da posse dos selos, títulos que o Sr. Vassal vendeu para cobrir os primeiros gastos, e o restante por nosso próprio dinheiro.

ROGAMOS QUE NOS DIGAM: QUANTAS CENTENAS DE MIL FRANCOS NOS RESTA HOJE EM CAIXA?

3º E também o necessário para pagar: o gás, a água, o zelador, o faxineiro, os impostos, as dívidas contínuas de todos os fornecedores mencionados acima, e se este ano nos restar *mil francos de lucro*, no seu relatório, ficaremos muito felizes. Por que a autora de *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* alinha tão grandes cifras COMO TENDO, e não fala de ALGUNS CUSTOS, de ALGUMAS DESPESAS, isso é lealdade? A verdade é que se intromete no que não é da sua conta.

Mas, em todos os tempos isto tem sido moda entre os que se dizem Espíritas, pois Allan Kardec, na página que citamos (Ficção nº 13) se queixa da mesma má-fé, em 1865.

Quanto às Conferências, os fundos não se acumulam; eles são fornecidos como e de acordo com as necessidades, e como e quando são recebidos.

É uma obra de primeira ordem, para a qual convergem nossas

justas esperanças em vista da extensão de nossa Doutrina.

Vigésima Quinta Ficção.

"Eles encontraram dois créditos, um de 10.000 francos, o outro de 16.000 francos. Eu mesmo lhes entreguei em mãos durante a posse dos selos."

A autora de *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* entregou ENTRE AS MÃOS DO TABELIÃO, durante a posse dos selos, um valor de 10.000 francos proveniente do empréstimo feito por madame Kardec ao diretor de um jornal (ver página 8) e um segundo valor de 4.000 francos proveniente de um empréstimo feito a um pedreiro. Esse segundo valor NÃO FOI, PORTANTO, de 16.000 francos; a diferença aí é de apenas 12.000 francos, um quarto da verdade. E o que prova também a má-fé da autora é que *se sabe que essas alegações são más, que jamais faltará um centavo da soma de 10.000 francos que habilmente souberam pedir emprestado a madame Allan Kardec.*

Esse homem letrado veio pessoalmente nos dizer isso: "Vós quereis me processar para reaver os 10.000 francos que certamente eu devo, *já que assinei*, mas pensei que eles *jamais me seriam reclamados. Fiz um trato com o Sr. X..., bem simples*: eu sou um *antiespírita* e tenho *horror de vossa doutrina*. Feito os custos, cabe a vós; é-me impossível vos pagar". Com efeito, após tomarmos conhecimento, soubemos que esse publicista havia dito a verdade: fora recebido, como amigo, na casa da autora de *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* que foi seu *colaborador*, e a quem

cederemos, com gratidão, esta reivindicação pelo quinto do seu valor.

A querida amiga de madame Allan Kardec achou bom que a viúva do Mestre tenha emprestado 10.000 francos àquele que tem *horror do Espiritismo, que estava fazendo um negócio*, enquanto ela nunca quis lhe *emprestar* outra coisa senão sua colaboração através de artigos *sobre o Abuso do Tabaco*¹⁹, que é econômico.

Não queríamos revelar o caso do Sr. Rosen, por demais ridículo; entretanto, talvez seja bom dizer que ninguém jamais foi rude com sua esposa. Um dia, durante a reunião do Comité da Sociedade científica de Estudos psicológicos, ele pretendia que disséssemos que o Sr. Guérin era um jesuíta. O Sr. Leymarie lhe respondeu: “Aqueles que chamam o Sr. Guérin de jesuíta talvez o sejam mais que ele.” Madame Rosen tomou a resposta para ela mesma, pelo que não tinha repetido o pensamento dos outros, mas o dela própria. — Daí aquela furiosa carta do Sr. Michel Rosen, reproduzido na página 52 de *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)*. Apenas o Comité, em vez de *constatar que essa injúria não poderia atingir sua esposa*, CONSTATOU QUE NÃO TERIA HAVIDO QUALQUER INJÚRIA, o que está escrito na ata da reunião, e pode ser atestado por todos os membros presentes, que se entristeceram com a atitude do Sr. e da Sra. Rosen.

A pedido de madame Rosen, temos impresso sua brochura *Le Magnétisme curatif [O Magnetismo curativo]*. Ela aceitou as condições feitas por nossa livraria, por um ato que ela assinou sobre papel timbrado; se as condições não lhe agradaram, ela

¹⁹ Referência ao fato de Berthe Fropro ter sido, antes mesmo de se tornar espírita, uma ativista contra o tabagismo — N. T.

deveria lhe ter recusado, o que era bem mais simples. Essas condições são aquelas de todos os editores: 0,1 franco pelos 500 primeiros exemplares vendidos, 0,15 francos pelos outros 500 e por todas as brochuras vendidas por 1 franco ao público, e 0,75 franco aos livreiros pelos quais os 9/10 dessas brochuras vendidas.

No primeiro pagamento que lhe foi feito, no mês de junho de 1883, apenas 300 exemplares haviam sido vendidos. Foi-lhe pago por 500, o que lhe coube uma soma de 50 francos. Atualmente, temos 383 exemplares vendidos; restam na loja 617 brochuras, que nós oferecemos à madame Rosen por 0,30, preço de revenda, se ela quiser retomá-los todos.

Hoje, com os 617 *não vendidos*, essas brochuras custam-nos 0,75 franco cada, incluindo aí os direitos do autor. Eis aí um excelente negócio, com o qual madame Rosen iria enriquecer nossa livraria!...

Essa honorável dama não fará ninguém acreditar que um erro de contabilidade, pelos 10 francos de sua assinatura de 1884 seja um roubo; há má intenção, pois ela sabia que a contabilidade somente se ocupa dos assinantes da Revista. No mais, ela não ignorava que o Sr. Leymarie, estando na Bélgica, não sabia das querelas do Sr. Rosen e do Sr. Jacobs, então secretário da Sociedade. Essa querela odiosa fora o princípio daquela tola aventura de recusa de envio de uma Revista, pelo Sr. Jacobs, e é fácil responsabilizar nosso administrador por isso.

Ah! Quão longe estamos daquele tempo em que a senhora Rosen escrevia a seu "*caro irmão Leymarie*", em 16 de abril de 1878: "ANSEIO por me reencontrar com a senhora Leymarie e vós

todos aqui, com meu querido Michel, *tendo sido para mim UMA FAMÍLIA*, quando já *não tinha mais nenhuma na terra*; virei à rua de Lille para ter a *desejada ocasião* de apertar a mão de nossos bons amigos, etc.” Então, não éramos negociantes desonestos, como insinuam, e a nova maneira de agir do Sr. e da Sra. Rosen é ainda mais incompreensível, já que sempre temos defendido madame Rosen, diante e contra todos; ela sabe disso.

Pelo número que não tinha recebido, ela havia pedido 200 francos de indenização, e não obteve mais que 3 francos. Na verdade, isso é profundamente triste.

Página 50. Quanto à carta pessoalmente escrita pelo Sr. Leymarie, a respeito do Sr. Lessard, endereçada ao Sr. Mendy, capitão aposentado que teve *a delicadeza* de a tornar pública, o Sr. Lessard reconheceu que o Sr. Leymarie tinha perfeitamente razão de assim o julgar, àquela época, e que em seu lugar ele teria feito o mesmo.

Vede essa singularidade. Essa carta que SUBLEVA toda a União, é admitida como JUSTE por aqueles que ela atacou. Isso prova que o Sr. Lessard teve bom senso, e que nossos inimigos, tão odiosos, quase não o tem.

Um jovem homem de 18 a 20 anos comete absurdos que ele condenará aos 25 e 30 anos; cada um de nós progride com a experiência.

Página 64. Comunicação final, que ousou situar, sob a sanção de Allan Kardec, essa série de ficções e de calúnias. É uma vergonha misturar esse venerável nome com semelhantes manobras.

Os membros de nossa Sociedade jamais se consentirão ser classificados entre os espíritas que exibem abertamente essa pretensão: de fazer os mortos falarem para capturar as pessoas afortunadas e imprimir que isto é justo e útil em vista de — nós não o sabemos — qual devotamento.

Não o ignoramos, uma seita pretende que o fim justifique os meios; mas os espíritas deveriam ser os últimos a se servir desse pérfido axioma.

Esses tristes acontecimentos foram condenados por Allan Kardec enquanto vivo; ele não os pode aprovar hoje sem estigmatizar sua doutrina e dar a nossos adversários a arma mais terrível contra o espiritismo e seus partidários.

Portanto, essas comunicações são apócrifas e não correspondem à maneira de escrever e de pensar de Allan Kardec.

Que a autora de *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)* tenha sua consciência em paz, isso é da sua conta. Nossa publicação, tão defeituosa a seu ponto de vista, jamais invejará o triste privilégio de dar razão à escola de Loyola, e sobretudo de aconselhar sua prática aos seus leitores.

Ensinamos aos nossos Irmãos que a instrução, a moralidade, o devotamento e o respeito mútuo que se devem são as recomendações constantes de nossos guias; eles querem diante de tudo que a verdadeira fraternidade e o amor sejam nossa regra.

RESPOSTA

A RESPEITO DAS TRADUÇÕES INGLESAS

Nos primeiros dias de 1875, a Senhorita Anna Blackwell, endereça-se à nossa Sociedade para a impressão de suas traduções inglesas do *Livro dos Espíritos* e do *Livro dos Médiuns*. Ela não havia conseguido se entender com Lady Caithness, que lhe oferecera uma grande quantia para imprimir os cinco volumes fundamentais de Allan Kardec. Ela nos incentivou a ajudá-la, a livrá-la do embaraço, pois, contando com Lady Caithness, ela havia colocado o *Livro dos Espíritos* nas mãos de um impressor de Edimburgo; de fato, nós a tiramos do embaraço, pelo que ela é muito grata hoje.

Em assembleia geral de nossa Sociedade, tendo as duas partes se entendido, foi decidido o seguinte, por assinatura privada.

A concessão e propriedade em favor da Sociedade das traduções dos dois livros acima mencionados. O Sr. Leymarie, tratando como administrador da Sociedade:

“1º O Sr. Leymarie, em nome da sua posição, compromete-se

a pagar todas as despesas dos custos de impressão ou outros relativos à publicação dessas traduções, cuja impressão se dará na França ou na Inglaterra, em benefício das duas partes; e de acordo com o que decidira o conselho de administração da Sociedade anônima.

2º O Sr. Leymarie compromete-se igualmente (e aqui abreviamos, para não aborrecer o leitor) a pagar 374 francos e 70 centavos à Senhorita Blackwell para custos diversos de implementação à obra do *Livro dos Espíritos*, antes do nosso tratado, porte de cartas etc.

3º No caso de a venda dos livros produzir *lucros*, feita a *dedução das despesas de impressão, anúncios e gastos gerais*, fica expressamente concordado que a Senhorita Blackwell terá direito à metade desses lucros. As perdas, se houverem, serão inteiramente assumidas pela Sociedade e, assim sendo, a Senhorita Blackwell não terá direito a nenhuma indenização.

4º No caso de falecimento da Senhorita Blackwell (aqui, novamente resumimos) a Sociedade conserva APENAS a exploração dos volumes citados.

5º O Sr. Leymarie, em nome de sua posição, declara aceitar as condições já estabelecidas entre a Senhorita Blackwell e o editor de Edimburgo (Escócia), *somente pela edição em andamento para impressão*, reservando-se pelas edições subsequentes o direito absoluto de mandar imprimir-las por qualquer gráfica que a administração da Sociedade designar, seja na França, seja alhures.

6º Nesse artigo, que resumimos, é indicado que um *editor* será “*escolhido*” em Londres, *unicamente pela “Sociedade anônima, cuja administração será a ÚNICA responsável pela liquidação das*

contas com os editores”; e naturalmente fica reconhecido que a Senhorita Blackwell tem direito de acompanhar o andamento da venda das obras, e os livros da Sociedade sobre os quais as transações serão inscritas. *Todos assinados: Anna Blackwell e P. G. Leymarie.*

Nossa Sociedade, tendo o hábito de pagar seus fornecedores em espécie, solicitou aos Srs. Ballantyne e Cia, pelo livro *dos Espíritos*, a apresentação de sua fatura. O livro *dos Médiuns* foi impresso em Saint-Germain-en-Laye, na casa do Sr. Heutte, que tinha uma tipografia inglesa; três folhas já tinham sido impressas, quando a Senhorita Blackwell recusou aceitá-las; tivemos que perder essas três folhas de impressão, pagar-lhes 500 francos e enviar os manuscritos e o papel desse volume a Edimburgo, papel esse todo especial que não poderia nos servir na França.

A postagem custou 230 francos e 5 centavos, de Paris a Londres, e — surpresa desagradável — o mesmo de Londres a Edimburgo.

Queríamos edições populares, quatro francos cada exemplar. A Senhorita Blackwell os fez a 9,60 francos o volume, pois — disse ela — sua venda seria rápida, as edições se renovariam depressa; deveria ser um grande sucesso. Em 3 de novembro de 1875, o Sr. Trübner, nosso editor em Londres, escolhido pela Senhora Blackwell, escreveu-nos:

“Respondendo à vossa carta de 1 de novembro, apresso-me de vos informar que até agora, dos 775 volumes, *vendi 100 exemplares do livro dos Espíritos*; não mais vos aconselho a imprimir mais que 755 volumes do livro *dos Médiuns*, uma vez que só vendi 100 exemplares do livro dos Espíritos, que foi muito mal-

recebido na Inglaterra, e, sobretudo, maltratado pela crítica desse país.

Esse editor, um dos primeiros de Londres, disse a verdade: desde 1875, ainda não vendeu inteiramente a primeira edição do livro dos Espíritos, e a do livro dos Médiuns, cada um dos quais com uma tiragem de 775 exemplares.

A Sociedade então recusou imprimir a tradução de *Céu e Inferno*, da Senhora Blackwell, que lhe teria custado quase 5.000 francos, exatamente como as primeiras edições; ela não pôde se comprometer nesse mau caminho. Era seu direito, diante de um insucesso, e para edições não populares, a 9,60 francos o volume.

O que nos surpreendeu foi justamente que, *sem nosso aval e desafiando nossas mútuas convenções*, a Senhorita Blackwell recolheu 1.100 francos da primeira venda das obras na casa Trübner, fato que soubemos pelo editor, quando lhe pedimos uma prestação de contas. A Senhorita Blackwell também se serviu, *sem nosso consentimento*, de nosso papel, deixado no depósito da casa Ballantyne; o Sr. Trübner, sentido que tinha desconsiderado seus acordos escritos, pelos quais havia se comprometido a pagar somente a nós, escreveu à Senhorita Blackwell, que nos enviou um amigo em comum, o Sr. Émile Barrault, engenheiro, a quem, naturalmente, prometemos não dar prosseguimento a esse assunto.

Senhorita Blackwell escreveu-nos, em 11 de abril de 1878, o que segue: “Tendo recentemente ficado desapontada com uma soma de dinheiro que me era devida, e, no entanto, tendo de fazer um primeiro pagamento a meus impressores, *autorizei* o Sr. Trübner, havia um mês, a remeter aos Srs. Balantyne e Cia., de

minha parte, a soma de 37 libras, 4 schelling e 8 pence, que ele tinha em mãos, *proveniente da venda das duas primeiras traduções. Essa soma, juntamente com o valor do papel pertencente à vossa Sociedade, que fiz com que fosse utilizada para essa impressão de 'Céu e Inferno', será devolvida à Sociedade tão logo me seja possível fazê-lo; espero quitar-me desse EMPRÉSTIMO no decurso deste ano*²⁰.” Portanto, foi de fato um *empréstimo forçado* que a Senhorita Blackwell nos tinha feito; ela o admite.

Em dado momento a Senhorita Blackwell poderia ter nos reembolsado essa soma e, ao mesmo tempo, saldado sua dívida pessoal do *Céu e Inferno* com a casa Ballantyne et Cia. Se quiséssemos ser agressivos, diríamos o que a impedia de fazê-lo, mas ela tem penado o bastante por si mesma para que não procuremos sobrecarregá-la ainda mais. Não queremos esquecer, como ela, nosso lema: *Fora da caridade não há salvação*, pois ela ousou colocar sob suspeita nossa *proibidade comercial* ao nos reclamar notas desconhecidas que não podemos admitir, e sobretudo em espalhando-as em numa calúnia que exala veneno e inveja; isso não é digno de uma mulher de talento e de uma escritora séria tal qual a Senhorita Anna Blackwell.

Em *oito anos*, os Srs. Ballantyne e Cia. *foram pagos*; seriam melhores se não tivessem reclamado o saldo em questão.

Da Senhorita Blackwell, temos esse recibo: “*Recebi do Sr. Leymarie a soma de 2.200 francos para SOLDAR a dívida dos impressores para o Livro dos Médiuns*”. Pouco depois, tivemos outro recibo, expresso em inglês e traduzido nas entrelinhas pela senhorita Blackwell: “14 de *junho* de 1876, recebido da senhorita

²⁰ Esse empréstimo custa 1.500 francos e 80 centavos.

Blackwell para *saldo de nossa conta*, pela impressão da primeira edição do *Livro dos Médiuns*, a quantia de: £ 83, 10, 10 (libra esterlina), de acordo com nossa fatura já apresentada: Ballantyne, Hanson et Cia, de Edimburgo²¹.”

Eu penso que para os nossos leitores já é o bastante dessa história entediante. Temos todos os documentos citados à disposição de quem os queira.

Conquanto lamentamos profundamente ter que responder a semelhantes insanidades, temos ao mesmo tempo que bem afirmar que a Sociedade científica do Espiritismo é *Senhora de si mesma*; somente seus acionistas e o Conselho de fiscalização tem o *direito de controle* — o que lhes é sempre oferecido; ela respeita todas as outras Sociedades e não se mete jamais em ingerência nos assuntos destas — que, por sua vez, fazem o mesmo.

Se madame Rivail (*Allan Kardec*) constituiu nossa Sociedade a sua *legatária universal, pura e simplesmente*, é porque ela sabia o porquê; ela tinha fortes razões para assim agir, malgrado todas as instâncias maliciosamente falseadas assinadas como sendo Allan Kardec. *A Sociedade é a dona absoluta para fazer de seu patrimônio o que bem lhe agrada; acima de tudo* ela é devotada à *Causa* que nos é cara e não trabalha senão para Ela, mas não admitimos ingerência nas suas contas.

A Livraria e a Revista são seus meios, e isso por sua conta e risco; Ela se guardará para não impor *Credos* e artigos de fé, não tendo uma religião a criar, com formas exteriores de cujo tempo já passou. Dispondo do seu direito e da lei em sua mão, Ela saberá se

²¹ Demos 2.200 francos e Ballantyne recebeu por saldo e £ 83, 10, 10, ou seja: 2.088 francos. Diferença de 111,50 francos.

fazer respeitar diante dessas almas apaixonadas, que derramam ódio nos espíritos e procuram a desunião, eu não sei em qual interesse tão perturbados são seus pensamentos.

Leita também



Muita Luz (Beaucoup de Lumière)

Download PDF / EPUB

